

DOS BIOGRÁFOS AOS BIOGRAFADOS: NOTAS SOBRE O BIOGRAFISMO NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio (UEPB)¹

1. INTRODUÇÃO

Nas duas últimas décadas vem ocorrendo na historiografia brasileira um aumento significativo de estudos que tem como objeto as biografias. Renegada por muitos anos e décadas, vista com maus olhos por boa parte dos historiadores internacionais, como também nacionais, a biografia transformou-se em uma das mais importantes formas de elaboração da história. Procurando compreender como estas mudanças veem ocorrendo, no que se refere ao olhar dos historiadores sobre a biografia, pretendemos neste artigo refletir um pouco sobre as diversas maneiras como este gênero vem sendo estudado na historiografia brasileira contemporânea.

A partir de uma revisão bibliográfica (que em nenhum momento se tornou ou tornará completa), fizemos um movimento de cartografar dentro de nossas limitações, algumas das mais significativas dissertações e teses apresentadas nos últimos anos no Brasil, além de estudos publicados em livros, lançadas nas duas últimas décadas.

Nosso olhar privilegiou principalmente os enfoques sobre as análises sobre biógrafos e biografados, bem como o próprio exercício de biografar “personagens”, produzido pelos historiadores desde os anos 1980, percebendo desta maneira as mudanças dos olhares dos historiadores em relação às narrativas biográficas enquanto escritas da história nas últimas duas décadas. Neste sentido, dialogamos principalmente com alguns historiadores: Benito Schmidt (1996), Magda Ricci (2001), Adriana Souza (2008), Marcelo Steffens (2008), Márcia Gonçalves (2009), Mariza Andrade (2013), entre outros.

2. BIOGRAFIA, BIOGRAFISMO: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA

Segundo Teresa Malatian (2008) a biografia nunca esteve ausente das reflexões historiográficas ou do próprio exercício profissional dos historiadores, mesmo cercada

¹ Professor substituto de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), campus I, Mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Graduado em História e Jornalismo pela UEPB.

por desconfianças e de certo mal-estar explícito ou implícito. Porém, dependendo do regime de escrita da história a biografia ganhou mais destaque o não por parte dos historiadores.

Para Manoel Salgado Guimarães (2008) “(...) o gênero conheceu um longo período de descrédito entre os historiadores de ofício. Associada à historiografia oitocentista, a biografia parecia condensar as desvantagens daquele modelo de escrita de história: uma narrativa factual voltada para a ação dos grandes nomes responsáveis pelo devir histórico” (p.21). Tal período é justamente aquele quando a biografia foi articulada ao projeto de construção das nações, por meio de determinados personagens “eleitos”, a chamada galeria dos grandes heróis.

A partir dos anos 1930, com a ascensão da Escola dos Annales, a maneira de escrever a história pautada na construção de heróis foi colocada em cheque. Todavia, isso não impediu incursões significativas como os de Lucien Febvre, por exemplo, que escreveu as biografias de Martinho Lutero e Rabelais. Isso explica em grande parte a reflexão de Teresa Malatian (2008), que relata que não houve ruptura com o gênero biográfico da primeira geração do *Annales*, apenas houve um ajuste de abordagem.

A partir da segunda geração dos *Annales*, a desconfiança com em relação à história do individuo foi o contraponto a postura de privilegiar as estruturas e a temporalidade longa. Desta forma, “A biografia perde, neste cenário historiográfico, seu sentido, mantendo-se prisioneira do gosto antiquário do interesse pelo curioso e afastado, assim, da pesquisa acadêmica e científica” (GUIMARÃES, p. 22).

A partir dos anos 1960 diversas críticas à ambição totalizadora pretenderam recuperar a feição humana dos processos históricos. Neste sentido, “a biografia suscitou preocupações com trabalhos de pesquisa mais rigorosos, capazes de demonstrar as tensões existentes entre a ação humana e as estruturas sociais, colocando o personagem e seu meio numa relação dialética e assegurando à História o caráter de um processo de sujeito” (AVELAR, 2010, p. 158)

Porém foi nos anos 1980 que houve propriamente o reerguimento da biografia enquanto escrita da história. Parte da historiografia que analisa o tema destaca a importância das biografias de Ernest Engelberg sobre o estadista Otto von Bismarck, lançada na Alemanha em 1985 e principalmente George Duby e Jacques Le Goff, respectivamente sobre Guilherme e São Luiz, lançados na França nos anos de 1995 e 1996. Isso em nível internacional, pois no Brasil a retomada da biografia no círculo

acadêmico só se realizará no final da década de 1990, como veremos ao longo deste breve artigo.

Segundo Vavy Borges (2005), a biografia durante muitos anos foi visto com maus olhos por boa parte dos historiadores “(...) por oscilar entre uma idealização simplista do personagem e falsas polêmicas em torno de pessoas famosas, visando a uma grande vendagem; além disso, muitas se comprazem no anedótico, não no essencial” (p. 213). Dominada por jornalistas, os historiadores brasileiros viam até o pouco tempo a biografia como gênero menor.

Parte das críticas à biografia na contemporaneidade em grande parte foram levantadas pelo sociólogo Pierre Bourdieu (2000), em seu já clássico ensaio “A Ilusão biográfica”. Seguindo o sociólogo francês o relato biográfico na atualidade em grande parte “(...) *propõe acontecimentos que, sem terem se desenrolado sempre em sua estrita sucessão cronológica (...) tendem ou pretendem organizar-se em seqüências ordenadas segundo relações inteligíveis*” (2000, p.184). Ou seja, a ideia de linearidade e de determinismo da história do personagem é questionada.

Todavia, apesar das críticas percebe-se que a biografia vem passando por intensas transformações a partir dos olhares dos historiadores, que se tornaram estudiosos da relação história e biografia, bem como elaboraram significativas biografias, muitas delas com relativo sucesso editorial. A grande maioria das narrativas biográficas produzidas pelos historiadores entende a biografia como uma leitura do social, estabelecendo relações entre o indivíduo e o tempo sócio histórico, articulando biografia e sociedade. Vejamos agora algumas tipologias de abordagens sobre os estudos biográficos no campo historiográfico brasileiro nestas últimas duas décadas.

3. PERSPECTIVAS DE ANÁLISES NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Depois de uma discussão panorâmica sobre as relações entre a biografia e história, realizaremos um movimento de abordagem sobre alguns dos estudos sobre a biografia no campo historiográfico contemporâneo, observando três perspectivas diferenciadas e presentes no Brasil das últimas décadas: *a) o enfoque sobre as análises sobre biógrafos; b) o enfoque sobre a análise dos biografados; c) e por último o próprio exercício de biografar dos historiadores*, percebendo desta maneira as mudanças dos olhares dos

historiadores em relação às narrativas biográficas enquanto escritas da história nas duas últimas décadas.

O que fica claro é que a partir dos anos 1990 a historiografia brasileira permitiu uma ampliação dos estudos biográficos, a partir de análises sobre biógrafos e biografados, bem como construindo outro regime de escrita biográfica, redefinindo o gênero a partir de olhares teóricos. Nomes como João José Reis, Mary Del Piore, Maria Lúcia Pallares Burke, Ronaldo Vainfas, Lilian Schwartz e José Murilo de Carvalho, são alguns dos historiadores e também cientistas sociais que vem se destacando no que se refere à elaboração biográfica, a partir de um novo regime de escrita da história.

Acreditamos que o ano de 1997 parece ser um ano chave para a mudança de perspectiva. O historiador gaúcho Benito Schmidt (2000), bem observou:

Nos últimos anos, contudo, os estudos biográficos deixaram os bastidores e passaram para o primeiro plano da historiografia internacional, inclusive a brasileira. Prova disso é que dois dos mais importantes periódicos especializados do país – a Revista Brasileira de História da Anpuh e a Estudos Históricos da Fundação Getúlio Vargas – dedicaram seus números de 1997 ao tema. (p.50)

Estudioso da biografia, Benito Schimdt (2000) avalia mudanças chaves no formato de escrita da biografia em comparação com o jeito tradicional, como a escolha dos personagens enfocados (atualmente há um interesse pelas consideradas “classes subalternas”), nos objetivos da biografia (fugindo o viés apologético, criando personagens como vias de acesso de compreensão de contextos mais amplos) e a forma de construção da narrativa biográfica (despreocupada da ação totalizadora e cronológica).

3.1. ANÁLISES SOBRE OS BIÓGRAFOS

Dentro da produção historiográfica atual a abordagem sobre os biógrafos ainda permanecem insípidas. Apesar da longa tradição de biógrafos em atuação no Brasil, faltam estudos que enfoquem as colaborações de nomes como Pedro Calmon, Luiz Viana Filho (os mais antigos e atuantes entre os anos 1940 e 1970), além de Ruy Castro, Fernando Moraes, Sérgio Cabral, Lira Neto (estes mais recentes e atuantes desde os

anos 1980 e com significativa representação no mercado editorial brasileiro contemporâneo).

Porém, isso não impede de destacarmos alguns nomes, como as historiadoras Márcia Almeida Gonçalves (2009) e Mariza Guerra de Andrade (2013). A primeira estudiosa do biógrafo Octávio Tarquínio de Sousa e a segunda do biógrafo Raimundo Magalhães Júnior. Ambos, numa perspectiva da análise da relação entre biografia e história ou da história da historiografia.

Márcia Almeida Gonçalves é autora de “Em Terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa”, apresentada originalmente enquanto tese de doutorado em História Social em 2003 na Universidade de São Paulo (USP). A versão em livro foi em 2009, pela EDUERJ. A obra pretende investigar a obra de Octávio Tarquínio de Sousa analisando as idiossincrasias quanto à maneira própria de associar narrativa biográfica e escrita da história, “nas ambiências e sociabilidades intelectuais nas quais viveu a partir dos quais se pode construir como autor” (2009, p.23)

Mariza Guerra de Andrade publica a obra “Anel Encarnado: biografia & história em Raimundo Magalhães Júnior”, fruto de um projeto de doutorado inconcluso apresentado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Em 2013, o livro saiu pela editora Autêntica, de Belo Horizonte. A obra, na mesma esteira da tese de Márcia Almeida Gonçalves, procura compreender as relações entre escrita da história e escrita biográfica na obra de Raimundo Magalhães Júnior.

Nos dois casos os estudos privilegiam os instrumentos narrativos da história, revelando as especificidades de uma produção biográfica fora dos círculos acadêmicos. Tanto Octávio Tarquínio de Sousa, como Raimundo Magalhães Júnior foram escritores-polígrafos, biógrafos-jornalistas, que fizeram bastante sucesso entre os anos 1930 e 1980 no Brasil, produzindo uma biografia chamada de documental. Nos dois livros privilegiou-se a abordagem sobre o biógrafo, sua colaboração para o gênero e sua relação com a história.

3.2. ANÁLISES SOBRE BIOGRAFADOS

Outra tipologia de abordagem historiográfica sobre o temática biográfica é o foco nos biografados, quando o estudo procura perceber as diversas formas de elaboração do

personagem ao longo da produção biográfica. Nos estudos sobre teoria e crítica literária encontramos bons exemplos desta abordagem, como “A Mulher Calada: Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia”, de Janet Malcolm (1995), - em nível internacional (sobre a como a poeta norte-americana Sylvia Plath foi biografada dos anos 1970 a 1990) e “O Homem Encadernado: Machado de Assis na escrita de biografias”, de Maria Helena Werneck (1996) – em nível nacional (sobre como romancista Machado de Assis foi sendo elaborado em biografias e ensaios ao longo do século XX). Em ambos os casos foram analisados os aspectos das produções artísticas relacionadas com as trajetórias destes literatos, compreendendo as formas em que ambos foram sendo interpretados pelos seus respectivos biógrafos.

No âmbito historiográfico, no âmbito internacional devemos destacar o importante estudo Hitler da história, de Jonh Lukacs, lançada pela editora carioca Jorge Zahar, no Brasil no ano de 1998. A obra em questão analisa as diversas imagens criadas de Hitler pelos seus biógrafos, quase sempre construindo um estadista demonizado pela historiográfica biográfica internacional.

No Brasil destaco o historiador Marcelo Hornos Steffens (2008), autor da tese de doutorado em História, apresentada em 2008 na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), intitulado: “Getúlio Vargas: Análise de biografias publicadas entre 1939 e 1988”. Professor da Universidade Federal de Alfenas, em Minas Gerais, a pesquisa de Steffens visou analisar as imagens construídas de Getúlio Vargas, a partir de oito biografias escritas e publicadas ao longo de mais de 40 anos.

Porém, uma tendência no âmbito dos estudos sobre a biografia, é o movimento duplo de análise como o personagem foi sendo construído historicamente através de uma memória biográfica nacional (análise biográfica), para depois iniciar o processo de elaboração biográfica. Aspecto que vamos observar no tópico a seguir, a partir de vários exemplos retirados principalmente de dissertações e teses apresentadas nos últimos anos no Brasil.

3.3. QUANDO O HISTORIADOR É BIOGRAFO

A partir da segunda metade dos anos 1990 os historiadores intensificaram o processo de elaboração de biografias, disputando o espaço com os jornalistas no mercado editorial brasileiro. Academicamente aumentaram o número de pesquisas cuja



abordagem privilegiou os estudos biográficos, entre dissertações e teses, nas principais universidades brasileiras, com destaque para a UNICAMP, UFMG, USP, UFRJ, UFPR e UFRGS.

Podemos destacar alguns nomes neste cenário: Benito Schimdt (1996), Magda Ricci (2001) e Adriana Souza (2008). Não poderia deixar de citar ainda: João José Reis, Mary Del Piore, Maria Lúcia Pallares Burke, Júnia Furtado, Ronaldo Vainfas, entre outros historiadores com significativo espaço no mercado editorial na atualidade, alguns inclusive ganhadores de prêmios nacionais, como o Jabuti e a APCA².

Como o espaço é pequeno, gostaria de destacar os três primeiros citados acima, pois ambos são amostras de diversidade de abordagem quando se fala em construção biográfica por parte dos historiadores.

Benito Schimdt (1996) é professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sendo na atualidade um dos mais importantes estudiosos da relação biografia e história na historiografia brasileira. Sua dissertação de mestrado, intitulada “Uma reflexão sobre o gênero biográfico: a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868-1945)”, apresentada em 1996 é um exemplo de uma abordagem sobre os subalternos a partir de um enfoque político. Em 2000, uma versão da dissertação ganhou o formato de livro pela Editora da Universidade da UFRGS, com o título: “Um socialista no Rio Grande do Sul: Antônio Guedes Coutinho (1868-1945)”.

Magda Ricci (2001) é professora da Universidade Federal do Pará (UFPA), e seu livro *Assombrações de um Padre Regente: Diogo Antônio Feijó (1784-1843)*, fruto de sua tese de Doutorado na Universidade de Campinas (UNICAMP), é um exemplar de biografia que resignifica um personagem, renovando o enfoque no que se refere à memória biográfica sobre o padre Feijó, importante nome da política brasileira no século XIX.

Na mesma linha temos Adriana Souza (2008), professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRural), autora do significativo “Duque de Caxias: O homem por trás do monumento”, fruto de sua tese de doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A biografia redefine o personagem a partir do

² O Prêmio Jabuti é ligado a Câmara Brasileira do Livro e o APCA, é ligado a Associação Paulista dos Críticos de Arte, do Estado de São Paulo.

conceito de memória, relevando os outros Caxias, além do monumento e da memória institucionalizada, no Brasil ao longo dos séculos XIX e XX.

No caso específico de Benito Schimdt (1996), o historiador gaúcho pode ser considerado o pioneiro ou no mínimo o responsável pela retomada pelos debates historiográficos no Brasil sobre a relação escrita da história e prática biográfica. Ao produzir a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho, Schimdt procurou empreender um debate firme sobre os limites e as possibilidades do historiador ao afirmar-se biógrafo. Já os trabalhos de Magda Ricci (2001) e Adriana Souza (2008), surgem neste início do século XX já num contexto mais amplo da relação biografia/historiografia, ampliando ainda mais seus personagens, com debates interdisciplinares, principalmente no que se refere à ideia de construção de uma memória biográfica sobre seus personagens, no caso do regente Feijó e o Duque de Caxias, respectivamente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como forma de concluir nossas rápidas reflexões presentes neste artigo, o leitor deve ter percebido o grau ainda inicial de nossos debates, no sentido de entender o que chamamos de tripla possibilidade de enfoque da relação escrita da história e prática biográfica. Acreditamos que muitos avanços nos estudos históricos sobre as análises que privilegiam os biógrafos, os biografados, bem como o próprio exercício de biografar “personagens”, irão ocorrer nestes próximos anos e décadas. Com a retomada firme da biografia, realizada desde os anos 1990, compreendemos que nas próximas décadas mais e mais trabalhos historiográficos irão surgir, ampliando ainda mais as formas de elaboração biográfica por parte dos historiadores.

5. REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mariza Guerra de. **Anel Encarnado**: Biografia & História em Raimundo Magalhaes Jr. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. In: **Dimensões**, Vitória, Volume 24, p. 157-172, 2010.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla (Org.).

Fontes Históricas. Contexto, 2005, pp.7-18.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 183-191.

GONÇALVÉS, Márcia de Almeida. **Em Terreno Movediço**: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Prefácio: A biografia como escrita da história. In: SOUZA, Adriana Barreto de. **Duque de Caxias**: o homem por trás do monumento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MALANTIAN, Teresa. A biografia e a história. In: **Cadernos Cedem**, Volume 1, p.16-32, 2008.

MALCOLM, Janet. **Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LUKAKS, John. **Hitler na história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

RICCI, Magna. **Assombrações de um Padre Regente Diogo Antônio Feijó (1784-1843)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). **O Biográfico**: Perspectivas interdisciplinares. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000.

_____. **Um Socialista no Rio Grande do Sul**: Antônio Guedes Coutinho (1868-1945). 1 edição. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.

SOUZA, Adriana Barreto de. **Duque de Caxias**: o homem por trás do monumento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

STEFFENS, Marcelo Hornos. **Getúlio Vargas biografado**: Análise de biografias. Tese de Doutorado em História. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

WERNECK, Maria Helena. **O Homem Encadernado**: Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: Eduerj, 2008.